

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

1

ERICK BARBOSA CINTRA

A importância de Paulo Freire

UBERLANDIA

Erick Barbosa Cintra

2

A Importância de Paulo Freire

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de
Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em filosofia

Área de concentração: Filosofia

Orientador: Jose Benedito de Almeida Junior

Uberlândia

2021

ERICK BARBOSA CINTRA

A importância de Paulo Freire

Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de
Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em Filosofia

Orientador: Prof. Drº José Benedito de Almeida Júnior

Área de concentração: Filosofia

Uberlândia, 03 de novembro de 2021

Banca Examinadora:

Rones Aureliano de Sousa – Prof. Msº (Escola de Educação Básica - ESEBA)

Manoel Messias de Oliveira – Prof. Drº (Universidade Federal de Catalão - UFCAT)

Resumo:

O presente trabalho vem apresentar uma breve história de quem foi Paulo Freire, a sua importância dentro da educação brasileira, os seus principais trabalhos e sua evolução como um pensador e como educador. Usando as suas obras e os estudiosos que o acompanharam, tentamos mostrar como mesmo depois de muito tempo as suas obras e os seus ensinamentos se ainda são atuais e de extrema importância para o nosso contexto atual. Ao analisarmos a sua evolução como pensador, as suas experiências em outros países, o seu método de ajudar as pessoas a aprenderem a ler, toda sua vida dedicada a uma educação libertaria que ajuda os seus alunos a serem pessoas críticas, o seu posicionamento político diante das dificuldades que as escolas passavam na sua época. Dessa maneira, podemos ver que, a sua experiência é de extrema utilidade para poderemos aprender a superar o viés que a educação brasileira sofre.

Palavras Chave: Educação, pedagogia, Paulo Freire

Abstract:

This work presents a brief history of who Paulo Freire was, his importance within Brazilian education, his main works and his evolution as a thinker and as an educator. Using his works and the scholars who accompanied him, we tried to show how, even after a long time, his works and his teachings are still current and extremely important for our current context.

When we analyze his evolution as a thinker, his experiences in other countries, his method of helping people learn to read, his whole life dedicated to a libertarian education that helps his students to be critical people, his political stance towards of the difficulties that schools were going through in their time. Thus, we can see that their experience is extremely useful for us to learn to overcome the bias that Brazilian education suffers.

Keywords: Education, pedagogy, Paulo Freire

Sumário

Introdução	7
Paulo Freire: Vida e Obra	8
Biografia	9
Método Paulo Freire.....	12
Gestão Paulo Freire	14
Paulo Freire na Africa.....	15
Paulo Freire como Gestor.....	23
Educação bancária, liberdade e autonomia	26
Educação bancária.....	27
Liberdade e autonomia.....	31
Conclusão	34
Bibliografia	35

Introdução:

No ano de 2021 é completado o centenário de Paulo Freire, dessa maneira, é de extrema importância falarmos sobre o patrono da educação brasileira. A educação do país passa por momentos delicados, falta de investimento, falta de estrutura, falta de valorização aos profissionais da área, então, devido a isso, devemos voltar e ver como Freire passou por seus obstáculos e como conseguiu colocar seu nome na história, dessa maneira, compreendendo um pouco sobre sua história, podemos usar o seu conhecimento para podermos ultrapassar os obstáculos presentes.

Como educador, Freire passou por diversas circunstâncias, desenvolveu seu método, trabalhou como gestor na secretaria de educação de São Paulo, enfrentou o período da ditadura em que teve que se exilar de seu país, logo, o seu conhecimento é de extrema importância para nossa atualidade. Mesmo sendo o patrono da educação, vemos que, ele vem sofrendo diversos ataques ao seu legado, aquilo que ele nos deixou e, dessa maneira, é de extrema importância defendermos todo o seu conteúdo e conhecimento.

Nesse trabalho, primeiramente, falaremos sobre a vida e obra de Freire, sua biografia, onde trabalhou, etc. também falaremos sobre o seu método, citaremos alguns lugares onde trabalhou, algumas de suas experiências, sua infância e também onde cresceu, alguns dados pessoais, etc.

Depois, falaremos sobre a sua experiência como gestor e sua experiência na África. Veremos a sua troca de experiência com os educadores de uma África recém emancipada, o desenvolvimento do seu pensamento libertador. Logo depois, o seu convite para ser secretário de educação do governo de Erundina, o seu método nesse cargo, suas inovações e o seu respeito com os profissionais da educação.

Por último, a discussão sobre os conceitos de educação bancária, liberdade e autonomia, a importância deles em sua obra e no seu método. A concepção que foi elaborada ao longo de sua jornada como educador, a influência que esses conceitos tem sobre o aprendizado dos alunos.

Paulo Freire: Vida e Obra

Biografia

Paulo Freire é considerado um dos maiores educadores brasileiros, reconhecido como o patrono da educação brasileira. Nasceu no Recife em 19 de setembro de 1921. Ficou conhecido como educador e filósofo brasileiro e integrou o movimento denominado como “pedagogia” crítica. Faleceu na cidade de São Paulo no dia 2 de maio de 1997, no hospital Albert Einstein.

Seu pai Joaquim Temístocles Freire, foi um capitão da Polícia Militar e sua mãe foi Edeltrudes Neves Freire. Paulo Freire morou na cidade do Recife até 1931, quando se mudou e foi morar na cidade de Jaboatão dos Guararapes onde permaneceu por mais dez anos. Com 13 anos perdeu seu pai e sua mãe ficou com a responsabilidade de sustentar todos os 4 filhos.

No ano de 1943, Paulo Freire ingressou no curso de Direito na universidade do Recife (atualmente conhecida com Universidade Federal de Pernambuco). Mas, nunca exerceu essa profissão e preferiu trabalhar como professor no ensino médio, lecionando língua portuguesa no colégio Oswaldo Cruz, na cidade de Recife. Paulo também se dedicou aos estudos de Filosofia da Linguagem.

Em 1944 se casou com a professora do primário, Elza Maria Costa de Oliveira, com quem teve cinco filhos. Grande parte da valorização que ele teve com a educação dos trabalhadores, principalmente dos trabalhadores rurais se deve a ela. Ele sempre afirmou que ela foi o grande motivo da sua inspiração. E a partir disto, desenvolveu suas ideias e conceitos sobre a importância da educação crítica e conscientizadora, isto é, estudar a condição que os trabalhadores vivem, para poder possibilitar a libertação destes da condição de oprimido. Sua esposa faleceu no ano de 1986.

No ano de 1947 foi nomeado como diretor do setor de Educação e Cultura do Serviço Social da Indústria. Junto com outros educadores, no ano de 1955, fundou, no Recife, uma escola inovadora que se chamava Instituto Capibaribe, que atraiu muitos intelectuais em sua época. O instituto continua em funcionamento até hoje. Sua tese de doutorado foi defendida no ano de 1959, na área de Filosofia e História da Educação com o tema “Educação e Atualidade Brasileira” onde ele mostrou suas ideias pedagógicas sobre escola democrática.

Lecionou filosofia na Universidade do Recife, hoje UFPE e, no ano de 1961 se tornou diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade. No ano de 1963,

realizou a alfabetização de adultos na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, alfabetizando cerca de 300 alunos, que eram trabalhadores rurais em 45 dias. Sua experiência ficou muito famosa e conhecida, se tornando uma referência em alfabetização. No seguinte ano, foi convidado pelo então Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos, para criar as bases do Programa Nacional de Alfabetização do governo João Goulart para implantação de 20 mil “círculos de cultura, termo usado por Paulo Freire para definir o grupo de alunos, dessa forma, não usando o termo “sala de aula”.

Com o Golpe Militar, ocorrido em 1964, Paulo Freire e todo o seu conteúdo foram considerados subversivos e, desta maneira, foi preso na cidade do Recife e, logo após ser preso, ele foi exilado. Nesse período, Paulo Freire esteve na Bolívia e logo depois no Chile, onde permaneceu por 5 anos. Nesse período ele trabalhou para a “Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação” e para o “Movimento de Reforma Agrária da Democracia Cristã do Chile”.

Ainda no exílio, no ano de 1967, consegue publicar o seu primeiro livro no Brasil chamado: “Educação como Prática de Liberdade”. Em 1968, escreve o seu livro “pedagogia do Oprimido”, que foi publicado primeiramente em inglês e espanhol no ano de 1970 e, apenas no ano de 1974 consegue publicar ele no Brasil. Em 1969, Paulo recebe o convite para atuar como professor convidado na Universidade de Harvard, onde lecionou por um período de um ano.

Mudou-se para Genebra em 1970, para trabalhar como consultor educacional do Conselho Mundial de Igrejas. Com outros exilados, no ano seguinte, fundou o Instituto de Ação Cultural. Ainda nesse período, Paulo Freire trabalhou como consultor para reformas educacionais em colônias portuguesas na África, particularmente em Moçambique. Na África do Sul, as ideias e métodos freirianos foram fundamentais para o Movimento da Consciência Negra, no período que o país vivia o regime do apartheid. Durante toda a sua vida, Freire sempre esteve presente em movimentos que lutavam pela igualdade do aprendizado e pelo ensino libertador.

Após longos 16 anos de exílio, Paulo Freire volta para o Brasil em 1980. Como o início da abertura política no Brasil, ele integra o Partido dos Trabalhadores (PT), de 1980 até 1986 ele atua como supervisor do PT para o programa de alfabetização de adultos. Ainda nesse período, ele foi professor na PUC/SP, pelo período de 17 anos. De 1989 até 1991 no município de São Paulo, durante o governo de Luiza Erundina, ele foi o Secretário da Educação da cidade

e, durante esse período ele organizou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA).

O período em que esteve no Chile foi de grande importância para Freire, muitos não conheciam as condições históricas do país naquele momento. Segundo o próprio, foi um momento em que ele teve grande aprendizado, muitas experiências que deixaram marcas. No Chile ele teve a oportunidade de publicar o livro *A Educação Como Prática de Liberdade*, onde ele sistematiza a sua proposta educativa. As ideias de conscientização, educação bancária e libertadora, seu método de alfabetização, todos esses estão presentes.

Logo após, ainda no Chile, Freire publica *Pedagogia do Oprimido*. Que é um avanço em sua teoria pedagógica, Paulo Freire que sua obra é um resultado da “radicalização” do seu pensamento, que é causado por dois motivos: a) a distância que ele está do Brasil e dos grupos que dominam o país; a sua experiência com a direita que resultou em sua prisão no Brasil; poder analisar o país criticamente a distância; b) o fato de o Chile ser uma sociedade altamente politizada. Ele afirma que, se tivesse se instalado em outro país que não fosse o Chile, talvez não teria escrito o livro, mas não o escreveu apenas por estar na sociedade chilena, ele amadureceu o pensamento que nasceu no Brasil. *Pedagogia do Oprimido* é fruto de uma relação entre experiências vividas em ambos os países.

Freire teve uma grande experiência na África, ele ajudou vários países recém libertos da colonização europeia, auxílio na implantação e desenvolvimento de sistemas educacionais de vários países do continente, ele trabalhava com o princípio de autodeterminação. Sobre essas experiências, surge o livro *Cartas a Guiné-Bissau*. Freire teve contato direto com o povo e seus intelectuais, dessa maneira assimilando a sua cultura. Paulo não atuava apenas como um técnico, mas também como um militante com o seu compromisso com a libertação e com o amor para aqueles que foram oprimidos. O resultado de seu programa em São Tomé e Príncipe superaram todas as expectativas, Freire sempre pregou seu amor pela liberdade e para os oprimidos que sofreram nas mãos dos opressores.

Método Paulo Freire

Na nossa atualidade, é necessário que façamos algumas considerações sobre o método criado por Paulo Freire. Mesmo que ainda seja muito utilizado com adaptações, o método freiriano passa por muitas críticas. Quando se fala de Paulo Freire e do seu método, muitas pessoas tem uma concepção muito reduzida do trabalho que foi desenvolvido por ele,

muitas vezes, apenas como uma técnica de leitura para adultos que estão iniciando a sua alfabetização.

A intenção de Freire com o alfabetizando adulto, quando este inicia em seu método, que ele se veja enquanto homem ou mulher vivendo e produzindo dentro da sociedade. Freire quer libertar o homem, quer que ele se insira na sociedade e se enxergue como alguém que produz, faça parte e construa a sua sociedade como membro dela. Ele convida aquele que não sabe ler para que saia da apatia e do conformismo, ele deseja que seu aluno seja também um formador de cultura. Aquele que é compreendido como “ser-menos”, que advém das camadas mais populares, é trabalhado para que compreenda que sua situação não é um desígnio divino, mas sim como uma determinação político-econômica da sociedade.

O principal intuito que Freire tinha em seu método, era que os homens e mulheres que ele alfabetizava se conscientizassem sobre a sua existência e, através disso, se entendessem como fazedores de cultura que também são pertencentes a sociedade. Quando eles percebem isso, a principal barreira está quase vencida, e em seguida o aluno pode sentir a importância, a necessidade e a possibilidade de apropriarem da escrita e da leitura. De fato, eles estão alfabetizando-se.

O “círculo de cultura”, no qual os participantes, em diálogo sobre um determinado objeto, respondem as questões que irão ser feitas pelo seu coordenador e, diante dessas questões, eles irão aprofundar suas leituras do mundo. Dessa maneira, diante desse processo, irá surgir um diálogo que irá possibilitar uma releitura da realidade, dessa forma, o aluno irá engajar-se em práticas políticas que irão visar a transformação da sociedade.

Os alfabetizados são provocados com as seguintes questões, quê? Por quê? Como? Para quê? Por quem? Para quem? Contra quê? Contra quem? A favor de quem? A favor de quê? Essas questões provocam os alfabetizados quanto a substantividade do objeto a ser estudado. As práticas de alfabetização de Freire exigem uma pesquisa que ele chama de “universo vocabular mínimo”, é desenvolvendo essa pesquisa que os alfabetizados irão escolher as palavras que irão estar no programa. Em média, são mais ou menos dezessete palavras, que são chamadas “palavras geradoras”, devem ser palavras com uma riqueza fonêmica grande e colocadas, necessariamente, em ordem crescente das menores para as maiores dificuldades fonéticas.

Em resumo, no período em que o alfabetizando consegue, desenvolvendo as sílabas, construir palavras, dessa maneira, ele está alfabetizado. Mas é necessário, evidentemente, um certo aprofundamento, ou seja, uma pós-alfabetização. Podemos ver que o

seu “método” é válido e eficaz, a eficácia se faz, pois, ele parte da realidade que o alfabetizando está inserido, de coisas que ele já conhece e usa para ser alfabetizado. Respeitando o senso comum e usando ele como ponto de partida, Freire propõe a sua superação.

Freire rejeita a simples repetição alienante das palavras, frases e sílabas, o que ele está propondo aos alfabetizandos é a leitura do mundo. Para ele, é indissociável a “leitura da palavra” e a “leitura do mundo”, dessa maneira, Freire se posicionava contra o ensino de cartilhas. Finalmente, o trabalho de Freire é mais do que um “método” que se usa para alfabetizar, é uma profunda compreensão que ele tem para com a educação, é a sua preocupação com a natureza política presente na educação.

Gestão Paulo Freire

Paulo Freire na África

Na década de 70, Paulo Freire (1921-1997) assessorou vários países da África, recém-libertada da colonização europeia, cooperando na implantação de seus sistemas de ensino pós-coloniais. A sua primeira visita à África foi no final de 1971, como membro do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, onde ele morava exilado. Ele foi para Zâmbia e Tanzânia onde teve contato com vários grupos engajados em movimentos de libertação e colaborou na Campanha de Alfabetização da Tanzânia, onde conheceu o presidente Julius Nyerere (1922-1999), conhecido como “professor”. Nyerere foi o primeiro tanzaniano a estudar numa universidade britânica. Fundou, em 1954 o partido Tanganyika African National Union (TANU), que levou o seu país à independência da Grã-Bretanha em 1962. (GADOTTI, 2010, p. 01)

O trabalho empreendido por Freire na África foi de extrema importância para a sua carreira, não só importante pelo aspecto de um novo desafio na sua carreira, mas também por se encontrar com a teoria e a prática de Amílcar Cabral (1924-1973), Freire faz frequentes referências ao pensador em suas obras. Esse período no continente africano foi de extrema importância para a formação do pensamento de Paulo Freire.

Alguns estudiosos de Paulo Freire dizem ainda, em relação a sua experiência na África, que isso gerou uma libertação na vida e na obra de Freire. O seu trabalho na África impactou sua vida de tal maneira a ponto de “determinar uma ruptura significativa no seu pensamento político-pedagógico” (SCOCUGLIA, 2008, 29). As primeiras experiências de Freire no Chile e no Brasil, ele se concentrava mais na alfabetização como um processo de politização, ele estava em busca de uma alfabetização libertadora e conscientizadora. Após a sua experiência no continente africano e depois o seu retorno ao Brasil, no ano de 1980, ele reiterou a importância da alfabetização associada ao aprendizado de novas formas e técnicas de produção, como as cooperativas agrícolas, não dissociando o trabalho manual do trabalho intelectual.

discutimos isso juntos e depois com os companheiros de São Tomé. Eles viviam mais ou menos essa mesma experiência, e se determinou que era importante refletir sobre o que é a produção, sobre o ciclo produtivo como uma totalidade, e não ver a produção unicamente como o ato de produzir (...). De modo que era necessário, a partir dos problemas concretos da população, ir mostrando, ir abrindo o espaço, desafiando a população, para que reflita sobre eles e se eduque; é preciso propor conceitos desafiadores para que se faça uma reflexão e se tome consciência de que o ato de produzir deve ser entendido como um processo e não simplesmente como um resultado (FREIRE, 1985, 143).

O contexto africano que Freire se inseriu era totalmente diferente daquele que ele já tinha vivido anteriormente, a situação que ele se inseria no continente africano era resultante das lutas de independência. As experiências vividas por Freire na África, mudaram a sua vida e a sua pedagogia. Ele estava inserido em contextos de processos de reconstrução nacional, e

esses processos o fizeram unir o processo educativo com o processo de produção, dessa maneira ele incorporou o trabalho como processo educativo.

Na verdade, na medida em que, deixando o aeroporto de Dar es Salaam (Tanzânia), há cinco anos passados, em direção ao 'campus' da universidade, atravessava a cidade, ela ia se desdobrando ante mim como algo que eu revia e em que me reencontrava. Daquele momento em diante, as mais mínimas coisas – velhas conhecidas – começaram a falar a mim, de mim. A cor do céu, o verde-azul do mar, os coqueiros, as mangueiras, os cajueiros, o perfume de suas flores, o cheiro da terra; as bananas, entre elas a minha bem amada banana-maçã; o peixe ao leite de coco; os gafanhotos pulando na grama rasteira; o gingar do corpo das gentes andando nas ruas, seu sorriso disponível à vida; os tambores soando no fundo das noites; os corpos bailando e, ao fazê-la, 'desenhando o mundo', a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tomou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava (FREIRE, 1977, 13-14).

Freire sempre foi aberto para novos tipos de aprendizagem, tanto na sua parte prática quanto na sua parte teórica. Ele sempre dizia “uma das marcas mais visíveis de minha trajetória profissional”, dizia ele, “é o empenho a que me entrego de procurar sempre a unidade entre a prática e a teoria. É neste sentido que meus livros, bem ou mal, são relatórios teóricos de quefares com que me envolvi” (FREIRE, 1993:87). Freire enxergava o mundo de uma maneira coerente com a sua teoria, a sua experiência em outros países o ajudou a ter uma visão mais ampla das situações: “o exílio permitiu-me repensar a realidade do Brasil. Por outro lado, meu confronto com a política e a história de outros lugares, no Chile, América Latina, Estados Unidos, África, Caribe, Genebra, me expôs a muitas coisas que me levaram a reaprender o que eu sabia. É impossível que alguém esteja exposto a tantas culturas e países diferentes, numa vida de exílio, sem que aprenda coisas novas e reaprenda velhas coisas. O distanciamento do meu passado no Brasil e o meu presente em contextos diferentes, estimulou minha reflexão” (FREIRE, Freire & Shor, 2003:43). Dessa maneira, podemos ver como as suas experiências em outros países e culturas foram de extrema importância para o desenvolvimento da sua pedagogia.

DIÁRIO OFICIAL

DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

D.O.M.; São Paulo, 34 (021), quarta-feira, 1.º fev. 1989 — Suplemento

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

AOS QUE FAZEM A EDUCAÇÃO

CONOSCO EM SÃO PAULO

- Documento "Construindo a Educação Pública Popular"
- Regimento Comum das Escolas Municipais
- Decretos 27.614, de 1.º/1/89 e 21.811, de 27/12/85

SÃO PAULO
FEVEREIRO DE 1989

NÓS QUE FAZEM A EDUCAÇÃO CONOSCO EM SÃO PAULO

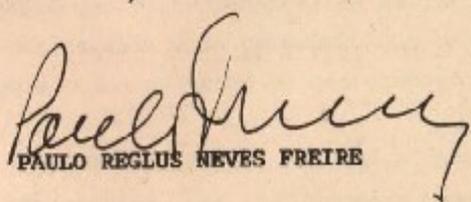
Assim que aceitei o convite que me fez a Prefeita Luiza Erundina para assumir a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo pensei em escrever aos educadores, tão assiduamente quanto possível, cartas informais que pudessem provocar um diálogo entre nós sobre questões próprias de nossa atividade educativa. Não que tivesse em mente substituir com as cartas os encontros diretos que pretendo realizar com vocês, mas porque pensava em ter nelas um meio a mais de viver a comunicação entre nós.

Pensei também que as cartas não deveriam ser escritas só por mim. Educadoras e educadores outros seriam convidados a participar desta experiência que pode constituir-se num momento importante da formação permanente do educador.

O fundamental é que as cartas não sejam apenas recebidas e lidas, mas discutidas, estudadas e, sempre que possível, respondidas.

Hoje tenho a satisfação de fazer chegar às mãos dos educadores de nossa rede um primeiro texto redigido por equipe deste Gabinete: "Construindo a Educação Pública Popular" - texto em que se fala um pouco de alguns pontos centrais do trabalho comum a ser realizado por nós - e também o texto do Regimento Comum das Escolas para discussão e debates em toda a rede.

Fraternalmente,



PAULO REGLUS NEVES FREIRE

Paulo Freire escrevia como poucos e, dessa maneira, ele conseguia conversar como todos os leitores possíveis. Desde o que estava aprendendo a ler até com aquele professor universitário possuidor de vários títulos, Freire tinha sua essência humilde, ele se importava com todas as pessoas. Talvez por isso, ele tenha feito um grande uso de cartas para conversar com seus leitores. Ele tinha um grande interesse por esse meio de comunicação, ele escreveu cartas para diversos lugares do mundo, desde o trabalhador até o chefe de estado.

Um fato inédito, é quando ele utiliza o diário oficial para enviar uma carta para todos os professores, a quem ele se refere como aqueles, que junto dele, fazem a educação em São Paulo. Ele queria manter um contato permanente e direto com os educadores e os educandos da cidade, por isso, de uma certa maneira inédita, ele propõe o uso da carta como meio para conseguir manter esse diálogo entre a sua equipe, professores e alunos. Podemos observar, que o intuito não era escrever uma carta qualquer, nos moldes de uma carta comum, ele não se coloca como o centro da comunicação na carta, ele deixa evidente que as cartas deveriam ser escritas por outros educadores e educadoras. Dessa maneira, com sua escrita, ele utiliza a carta como um meio de formação permanente para os educadores, no qual eles sempre poderiam voltar e ler novamente.

Freire era uma pessoa engajada, sendo assim, uma pessoa que é extremamente comprometida com os seus objetivos, o seu era o processo de libertação amplo. Ele sempre contribuía e não perdia a oportunidade quando surgia a oportunidade em suas cartas, ele rompeu com aquilo que era ortodoxo, aquilo que prendia e bloqueava o desenvolvimento, a forma que Freire se expressava era única. Seja na sua experiência na África, na sua relação com a secretaria de educação, ou nos movimentos sociais que participou, seu compromisso era com um diálogo libertador e construtor. Contribuir para a construção de novas pessoas, novas sociedades, a construção de uma nova história que não seja opressora e que não prive as pessoas do seu desenvolvimento.

Ele era extremamente didático e sabia utilizar tudo que tinha ao seu alcance para poder chegar nas pessoas, era de extrema importância para ele a forma pedagógica daquilo que ele escrevia. Ao escolher utilizar o gênero da carta, que em sua própria natureza é dialógico e pedagógico, a composição da carta vem com um intuito de aproximar o seu leitor daquele assunto que ele quer expor, da dinâmica, do contexto que por ele está sendo evidenciado, a carta leva o leitor a um envolvimento pessoal com aquilo que está sendo abordado pelo autor. O gênero da carta, é a escrita que mais se aproxima do sujeito oprimido, ela é um convite para um diálogo permanente. Quem escreve a carta sai de uma posição central e provoca o outro

para participar desse diálogo, a carta permite uma reflexão entre duas pessoas mesmo que uma esteja ausente fisicamente.

Nenhum tema mais adequado para constituir-se em objeto desta primeira carta a quem ousa ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, carta de Paulo freire aos professores, 1)

Freire sempre tenta dialogar com seu leitor, como um educador da liberdade ele usa a carta para se envolver com aqueles que precisam de ajuda para se libertarem. Podemos ver como para é importante a presença de ambos, educador e educando, ambos aprendem nessa relação de ensino, o professor que ensina também é ensinado e aluno que aprende também ensina, dessa maneira, “não existe ensinar sem aprender”. É necessário a existência de ambos para que isso exista, para que a educação exista.

Após o que foi dito no parágrafo anterior, podemos falar sobre a importância da carta, no contexto da pedagogia freiriana, para o aprendizado. Para Freire, o diálogo é extremamente importante para a construção educacional, e a carta nada mais é do que um diálogo. Diante disso, podemos ver a forma que Freire redige as suas cartas pedagógicas, ele quer conversar com seus interlocutores, ele não se coloca como o personagem central e nem como aquele que volta toda atenção para si, ele tenta dialogar e passar toda sua experiência pedagógica para o seu interlocutor.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um *burocrata da mente*, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às *adivinhações* dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. (FREIRE, carta de Paulo freire aos professores, 2)

Diferente de um livro ou um artigo, ao usar a carta como um meio de diálogo com os professores, Freire consegue uma “liberdade” maior, ele consegue ter uma diálogo interpessoal com aquele que está lendo, diferente de um artigo a carta pode ser entendida como

uma conversa informal e, devido a isso, ela consegue atingir quem está lendo de uma maneira diferente. Dessa maneira, Freire inovava ao usar esse tipo de contato com os professores, a escola, de fato, era muito rígida, muito “áspera” e, em alguns pontos, ela ainda continua assim, mas com ele a escola conseguiu um alento, alguém que prezava pelo aprendizado que não era rígido, que não oprimia e que acreditava que a educação poderia mudar o rumo do país e das pessoas.

Por intermédio da carta ele não deixava romper a comunicação no processo de construção e execução dos projetos em andamento [...] Freire elenca uma série de qualidades, indispensáveis aos educadores, que devem ser gestadas na prática docente, tais como: “humildade”, aquela que nos lembra sempre que temos algo a aprender; “amorosidade”, ou o que ele chama de “amor brigão”, aquele que por amar ensinar, defende a profissão com determinação; “coragem”, para reconhecer o medo e não se deixar paralisar por ele, educando-o; “tolerância”, que nos ensina a conviver com o diferente; “decisão”, que implica opção, ruptura; “segurança”, que demanda competência científica, clareza política, integridade ética; a “tensão entre paciência e impaciência”, que deve caminhar no sentido da atuação impacientemente paciente (COELHO, 2011, p. 35).

Freire construía uma comunicação através do uso das cartas, ele não deixava o diálogo se perder e sempre elencava tudo que era necessários através delas. Mesmo que não estivesse presente fisicamente, através de suas palavras ele se fazia assim, instruía, motivava e ajudava os professores. Quando era secretário de educação na cidade de São Paulo, ele não poderia estar em todos os lugares em todos os momentos, então esse uso da carta o auxiliou no contato com os profissionais da educação.

Outro momento marcante de suas escritas foi a reinvenção do gênero literário carta, escrevendo inúmeras cartas e livros sob essa forma. Em diversos momentos da história e principalmente no século XVIII muitos filósofos e autores utilizavam a carta, ou o gênero carta, para ludibriarem a censura, como é o caso de Cartas Chilenas atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga, Cartas Persas etc. Paulo Freire não visava ludibriar a censura, mas ser transparente, obstinado na luta com os oprimidos e oprimidas do mundo (COELHO, 2011, p. 9).

Freire entende o homem como um ser inconcluso e que está sempre em processo de formação, dessa maneira, ele procura meios e caminhos para poder desenvolver, aprimorar, e mudar os processos de aprendizagem. Com a utilização da carta, foi da mesma maneira, um processo novo de ensino, de aprendizagem, de aprender e ensinar através do diálogo. A sua busca incessante pelo diálogo, de ouvir, falar, ensinar e aprender. Freire sempre quis estabelecer o contato, o relacionamento, para que assim, ele pudesse ensinar e aprender.

Paulo Freire como gestor

Freire foi secretário de educação no governo da cidade de São Paulo no período de janeiro de 1989 até maio de 1991, durante o governo de Luiz Erundina, logo após, foi substituído pelo seu chefe de gabinete, Mario Sergio Cortella. Mesmo após ser substituído, quando Cortella assumiu a secretaria, ele deu continuidade às políticas praticas por Freire. Freire não abandonou a SME, mas continuou participando de seu colegiado (FREIRE, A. 1996, p.48). Freire foi responsável por unir vários agentes em sua secretaria, sendo também o responsável teórico das ações planejadas.

Ao analisarmos as atitudes de Freire na SME, vemos as suas inspirações em continuar a política educacional, seja pela continuidade de suas concepções, seja também pelas propostas das suas ações. Os princípios que Freire defendiam diante da SME são: democratização do acesso à educação, construção de uma nova qualidade de ensino, valorização da educação de adultos e dos professores. Quando Erundina venceu as eleições na cidade de São Paulo, Freire surgiu como um candidato natural para assumir a SME.

Foi uma coisa realmente fantástica. Aceitei o convite que Erundina fez porque não tinha direito de dizer não depois de toda a vida que tinha vivido, depois das denúncias que fiz, de ter escrito o que escrevi. Para dizer não, teria que tirar os livros que escrevi do prelo e não escrever mais. Eu precisava continuar escrevendo e falando. (FREIRE,1992)

Logo após sua saída da SME, Freire publicou um livro chamado “*A educação na Cidade*” onde ele faz um relato conciso sobre tudo o que ele passou. No livro, Freire diz que aceitar o cargo foi como uma consequência lógica de toda a sua vida. No decorrer de sua gestão, Paulo Freire não mediu forças por uma democratização da educação, sempre procurando construir uma escola de qualidade, democrática, que promovesse aos filhos das classes mais pobres a mesma qualidade que os filhos da elite tinham. Como exemplo, podemos citar, a reintrodução dos conselhos de escola e a introdução da informática nas escolas municipais, o processo de formação dos professores.

E por que aceitei ser secretário da Educação da cidade de São Paulo? Em primeiro lugar, porque sou secretario de uma administração do Partido dos Trabalhadores (PT) e particularmente da Prefeita Luiz Erundina. Isto é, porque posso dizer, em programas de TV e aos jornais e radio, que, na Secretaria da Educação, “cartão” e injuções politicas não se sobrepõem ao direito de ninguém. Em segundo lugar porque, se não tivesse aceito o convite honroso que fez Erundina, teria, por uma questão de coerência, de retirar todos os meus livros de impressão, deixar de escrever e silenciar até a morte. E este era um preço muito alto. Aceitar o convite é ser coerente com tudo que disse e fiz, era o único caminho que tinha. Aceitei, assim, a secretaria e estou contente porque agi desta forma. (FREIRE, 2006)

Dessa maneira, a forma que a política educacional dos anos de 1989 a 1992 foi conduzida, foi completamente distinta de todos os outros momentos da capital paulista. Na percepção de que ocorreram naquele momento atos em conjunto que buscavam uma mudança profunda no ensino municipal. Através de uma “escola pública e popular”, “uma sociedade democrática”, foram empreendidos esforços legítimos para que isso ocorresse. A democracia que Freire pregava em sua educação, não era um mero slogan. A “educação como prática da liberdade” característica de ensino desejado, foi constituída democraticamente.

Além do esforço para a implantação de uma educação diferente, que é voltada aos anseios dos populares, ordenada por uma ação libertadora, Paulo Freire teve que lutar contra desafios de cunho material. A maioria das escolas estavam abandonadas, com problemas estruturais, ausência de manutenção e falta de materiais básicos como carteiras e bancos para os alunos.

Devemos ter em mente, também, o contexto político ao qual pertence a gestão de Paulo Freire, este é um fator extremamente importante e que devemos levar em conta. Tudo que é proposto por Freire não se distancia do seu viés político. Ele assume a pasta no mesmo ano em que ocorre a primeira eleição direta para presidente da república, Erundina foi a primeira mulher a assumir a prefeitura de São Paulo. Era também a primeira vez que o PT assumia uma capital do país e, neste momento, o partido era associado as organizações sindicais e movimentos populares. Paulo Freire tinha bastante simpatia pela proposta do partido. Finalmente, o país, após vários anos, tinha uma carta constitucional que garantia direitos ao povo.

Para nós, não há sombra de dúvida em torno do direito que as crianças populares têm de, em função de seus níveis de idade, ser informadas e formar-se: de acordo com o avanço da ciência. É indispensável, porém, que a escola, virando popular, reconheça e prestigie o saber de classe, de "experiência feito", com que a criança chega a ela. É preciso que a escola respeite e acate certos métodos populares de saber coisas, quase sempre ou sempre fora dos padrões científicos, mas que levam ao mesmo resultado. É preciso que a escola, na medida mesma em que vá ficando mais competente, se vá tornando mais humilde. O conhecimento que se produz social e historicamente, tem historicidade. Não há conhecimento novo que, produzido, se “apresente” isento de vir a ser superado. (FREIRE, 1992)

Podemos ver um pouco de como Freire quer uma escola que esteja dentro do mundo do aluno, ou seja, a partir de seu método no qual ele alfabetiza o aluno usando as palavras que estão em seu contexto, ele quer que a escola seja da mesma maneira. É necessário que a escola entre no mundo do aluno da classe popular, entenda as suas necessidades e

dificuldades, para que depois, em conjunto com todos que estão presentes na escola, desenvolva os padrões de ensino para esses alunos.

Os primeiros resultados da política educativa são positivos. A taxa de retenção foi aumentada de 77,45% em 1988 para 81,31% em 1990 - o melhor índice dos últimos dez anos. A imprensa paulista, a partir de suas próprias pesquisas, informa que a Secretaria de Educação de São Paulo é o órgão mais popular da Prefeitura Municipal. Os salários do magistério têm sido melhorados substantivamente - talvez seja este um dado que explique a maior produtividade do sistema. Está em fase final de elaboração o primeiro esboço de um Estatuto do Magistério, primeira medida desse tipo na história da educação pública municipal de São Paulo. Mais de 90 movimentos sociais assinaram convênios com a Secretaria de Educação como parte do Mova. Enfim, esses são apenas alguns indicadores da primeira metade da gestão do PT em educação, sob a condução direta de Paulo Freire. Resta, é claro, a necessidade de se fazer uma avaliação rigorosa, uma vez completado todo o mandato. (GADOTTI e TORRES, 1991, 17)

Educação bancária, liberdade e autonomia

Educação Bancária

Quando analisamos as relações entre professor e aluno, na escola, independente dos seus níveis, ficamos cada vez mais convencidos que estas relações apresentam uma determinada característica marcante – que são relações especificadamente narradoras e dissertadora. Essa narração de conteúdo que, tendem a se petrificar ou se tornar matéria morta. Essa é a situação da educação brasileira, narrar e dissertar sem que o aluno possa tomar o seu lugar e, que tomando seu lugar ele possa ter a sua formação crítica. Dessa maneira, o educador surge como um agente que é indiscutível, seu conhecimento é o único verdadeiro presente na sala de aula, conhecimento esse que ele “deposita” em forma de dissertação para o aluno.

Quanto ao conteúdo, eles são pequenos retalhos da realidade e totalmente desconectados de sua totalidade. Dessa maneira, são separados da sua visão na qual eles poderiam ganhar significação. O discurso nessa situação é totalmente esvaziado, sem a presença de conteúdo, sendo mais som do que seu próprio significado. A grande marca que vemos nesse modelo de educação é a atividade dissertadora, dissertação essa que transforma o conteúdo em um “deposito” e logo em seguida é depositado para o aluno.

No lugar de formar alunos críticos e conscientes, essa educação se torna um ato de depositar, uma relação de depositante e depositário. O educador não se comunica com os alunos, ele não forma uma relação com eles, o educador faz apenas “comunicados”. Isso é o que Paulo Freire nos mostra como educação bancária. Na concepção bancária, os alunos tem apenas a tarefa de memorizar, nesse modelo de educação não se pode “ser”, nesse campo da educação bancária não há criatividade, não há transformação, não há saber.

Nesse ponto, o educador reconhece que na absolutização da ignorância dos alunos a razão do seu existir dentro da sala de aula, logo, os alunos em sua maneira alienada reconhecem em sua ignorância o motivo de existir um professor, eles não possuem elementos que possam tira-los dessa situação.

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 2021, p.82)

Na educação bancária, os homens são vistos como seres que se ajustam, que se adaptam e, quanto mais eles conseguem se adaptar, quanto mais eles conseguem se adequar a esse esquema que vemos, menos ele conseguirá desenvolver em si a crítica que poderia coloca-

los como seres presentes na história do mundo, como transformadores e, de fato, como verdadeiros sujeitos. E, quanto mais o tempo passa, mais lhes são impostos a praticar essa passividade e, com isso, tendem a adaptar-se a tudo isso e não transformar e se inserirem no mundo.

A visão “bancaria” da educação visa e satisfaz os interesses dos opressores, na medida que ela vem sendo utilizada e aplicada na educação, ela minimiza e anula o poder criador que os alunos tem. Para os opressores, o fundamental não é que esses educandos desenvolvam o seu senso crítico e que isso gere o desnudamento do mundo e a transformação deste, o que é desejado pelos opressores é o seu “humanitarismo”, para que com isso eles consigam preservar aquilo que possuem. Por isso que vemos que cada vez que a educação avança, eles reagem de maneira negativa para que não possua ferramentas para que os alunos possam se desenvolver. Dessa maneira, o objetivo dos opressores é alterar a mentalidade dos que são oprimidos e não a situação que está oprimindo.

A educação bancaria pretende deixar todos os homens iguais, pois quando todos os homens pensam autenticamente, cada um à sua maneira, isso compromete todo o funcionamento dessa estrutura opressora. Para eles, o perigo reside na autenticidade e na independência crítica do ser e, de fato, como oprimir e conduzir quem consegue contextualizar essa situação?

O que não percebem os que executam a educação “bancaria”, deliberadamente ou não (porque há um sem-número de educadores de boa vontade, que apenas não se sabem a serviço da desumanização ao praticarem o “bancarismo”), é que nos próprios “depósitos” se encontram a contradição, apenas revestidas por uma exterioridade que as oculta. E que, cedo ou tarde, os próprios “depósitos” podem provocar um confronto com a realidade em devenir e despertar os educandos, até então passivos, contra a sua “domesticação” (FREIRE, 2021, p.21)

Um educador verdadeiro não espera esse momento, ao se situar diante dessa situação, identificando-se no momento com os educandos e, vendo a presente ação de apenas “depositar” o conteúdo para o aluno, ele deve orientar-se no sentido da humanização de ambos para que com isso possam superar a situação. Esse educador, educa do ponto de vista da autenticidade e não apenas do “deposito”. Mas, para que ele possa atingir essa educação intenciona a liberdade, a criatividade e a autenticidade do aluno, isso exige dele que seja um companheiro dos educandos, na sua relação de professor com eles.

A educação “bancaria”, rechaça todo esse companheirismo pois está se dá na inconciliação entre professor e aluno. Logo, o educador que supera essa contradição “bancaria”

ele não mais o seria, já não mais “depositaria” de maneira a tentar domesticar o ímpeto criativo do aluno, sua intenção é saber com os educandos enquanto estes soubessem com ele. Não estaria mais a serviço da educação bancária, da desumanização, da opressão, mas sim a serviço da libertação destes alunos.

A educação bancária sugere uma divisão ilusória homens-mundo. Ela sugere que os homens meramente no mundo e não presentes no mundo ou, também, com outros homens. Dessa maneira, os homens são meros espectadores do que ocorre no mundo e não criadores daquilo que está presente no mundo e na sua história. Ela compreende a consciência dos homens como algo especializado, ela não entende os homens como “corpos conscientes”. A consciência, na concepção bancária é entendida como uma seção, como uma divisão “dentro dos homens e, dessa maneira, quer “encher” essa consciência de maneira à deixa-la domesticada.

A concepção e a pratica da educação que vimos criticando se instauram como eficientes instrumentos para este fim. Daí que um de seus objetivos fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos muitos do que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensar autentico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos”, no chamado “controle de leitura”, na distância entre o educador e os educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há sempre a conotação “digestiva” e a proibição ao pensar verdadeiro. (FREIRE, 2021, p.89)

Se pretendemos a libertação do homem dessa prisão ontológica, não podemos começar essa caminhada de libertação deixando os alienados ou os mantendo da mesma maneira que maneira bancária. A libertação não é algo que se deposita nos homens para liberta-los, ela é uma humanização em processo. Ela é uma pratica que exige reflexão, tanto do professor quanto dos alunos. Devido a isso, não se deve aceitar essa concepção mecânica da consciência, como uma coisa vazia que devemos “encher”, da mesma maneira não devemos aceitar que a ação libertadora seja utilizada da mesma maneira para dominar.

A verdadeira educação libertadora não deve se constituir no entendimento de que os homens são coisas vazias que necessitam ser preenchidas. De maneira contraria à educação bancária, a educação libertadora não pode se utilizar do método de “depósitos”, de narrar, ou de “transferir” conhecimentos e tratar os educandos como meros paciente, mas sim, como portadores de um ato cognoscente. Colocando educador e educando lado a lado, a educação libertadora coloca, de imediato, a necessidade de superação dessa problemática causada pela educação bancária. A educação libertadora é indispensavelmente dialógica, o que gera esse antagonismo diante da educação bancária que, dentro das suas contradições, ela nega

totalmente essa dialogicidade, pois é essa ação que gera o ato de libertar, ela que produz o ato de pensar crítico e o pensar autêntico. A educação que é feita de forma antidialógica é a bancária.

De fato, não é possível que exista uma educação problematizadora, uma educação formadora de pessoas conscientes e autênticas que, de fato, não rompa com todos os esquemas característicos da educação bancária. É necessário que se rompa essa contradição entre educador e educando, é necessário que se quebre esse processo no qual distancie o educador e o educando. A educação libertadora precisa que o educador entre no mundo do educando, que exista o diálogo entre ambos para que se rompa com os esquemas da educação bancária.

Diante de tudo isso que vimos, as características da educação bancária necessitam ser superadas para que uma educação problematizadora possa emergir no nosso sistema educacional. Uma necessidade a ser superada é a contradição entre educador e educando, superar a verticalidade que existe no relacionamento entre ambos. E, também, essa contradição não será superada sem a presença do diálogo, é através dele que se atua a superação para esse problema.

Após a superação desse problema, o educador não apenas educa, ele é educado enquanto está educando e o aluno que, ao ser educado também educa. Dessa forma, ambos, se tornam sujeitos do processo educacional e já não existem mais “argumentos de autoridade” e não existe a verticalidade que outrora estava presente. Agora, ninguém educa ninguém e nem a si mesmo, os homens se educam em comunhão, a prática bancária não permitia esse processo, mas, apenas, o processo de “depositar” o conteúdo para os alunos. Nesse processo, não há aprendizado, mas apenas o processo de memorizar o conteúdo.

Este ato, que divide tudo, compreende a ação do educador em dois momentos. O primeiro deles é quando em sua biblioteca, seu local de estudo exerce um ato cognoscente diante de um objeto cognoscível, para se preparar para discursá-lo durante sua aula. O segundo, de fato, é discursá-lo diante dos alunos. Devido a isso, não há conhecimento para os alunos, pois a eles não é permitido conhecer, apenas memorizar o conteúdo que o educador dissertou em sua aula.

Se opondo a isso, a educação que é libertadora e problematizadora não distingue esse momento. Não há um sujeito que narra e outro que apenas irá ouvir e memorizar, ambos, através do diálogo, estão presentes nesse momento em que o objeto de estudo deixa de ser

propriedade apenas do educador. A educação libertadora, coloca ambos como pesquisadores e investigadores críticos. Enquanto estavam presentes na educação bancária, os educandos eram anestesiados, não tinham o seu poder crítico, de pesquisa, aquele que apenas o diálogo e uma educação problematizadora são capazes de atingir. O caráter reflexivo está totalmente presente nesse tipo de educação.

Liberdade e Autonomia

No contexto presente e passado da educação brasileira, alunos e professores vivem limitações que são oriundas da cultura pedagógica autoritária existente no país. Dessa cultura, desse pensamento autoritário que se negou “a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 2019, p. 81). A autonomia é um elemento central no projeto pedagógico de Freire, tanto o educador quanto o educando. De fato, ela consiste numa “tarefa fundamental no ato de educar, ligada a outros princípios basilares da prática educativa” (MACHADO, 2017, p. 53) e, não somente na prática educativa, a autonomia está diretamente ligada para a construção social do indivíduo.

De maneira oposta a pedagogia freiriana, muitos educadores brasileiros, por muitas vezes e, também, por muitos motivos, vivenciaram as suas experiências tanto de serem educados quanto de educarem marcados por uma educação opressora. Dessa maneira, podemos notar que a educação bancária está presente nesse modelo opressor de educação, ao notarmos aquela maneira de se transmitir conteúdos “engessados”, muitas vezes desconexos e alheios a experiência dos alunos. Sendo assim, todo espírito de inventivo, sempre foi ofuscado pela imposição do ensino bancário que “engessava” todo ímpeto criativo com o qual se encontrava em uma sala de aula.

Outro saber necessário à prática educativa, e que se funde na mesma raiz que acabo de discutir - a da inconclusão do ser que se sabe inconcluso -, é o que fala do respeito devido à autonomia do ser educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir afirmação várias vezes feita neste texto - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (FREIRE, 1996, 34-35)

Dessa perspectiva, podemos ver que a *Pedagogia da autonomia*, mostrou, assim como *Pedagogia do oprimido*, uma grande necessidade de mudança na educação brasileira. Dessa forma, para Freire é necessário ultrapassar e mudar essa perspectiva opressora da educação, e não mais se transmitir o conhecimento impositivo que inibe o educando, se respeitar a autonomia e a dignidade do educando. A concepção pedagógica autoritária –

inerente a educação bancária – constantemente reprime e oprime a autonomia, a criatividade e a intuição de inovação, tanto do aluno quanto do educador. Ela aniquila o sonho e a perspectiva de quem estuda. Segundo Freire, devemos superar essa equivocada concepção bancária, pois esse tipo de educação aliena tanto aluno quanto o próprio professor e, por consequência, todo pensamento inovador deixará de existir.

Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e leitura do contexto. (FREIRE, 1997, p. 23)

Diante desse pensamento, pois quando existe o ato de operacionalizar o conhecimento mecânico, o resultado é uma memorização maquinal. Sendo assim, é necessário um estudo crítico, que corresponde a um ensino crítico que ensina uma forma crítica de compreender, de ler e de analisar a leitura da palavra e do mundo. Esse tipo de leitura é extremamente necessário não somente para quem está aprendendo, mas também para aquele que ensina a ler, pois ela é fundada na ética e na autonomia de ambos que estão envolvidos no processo de ensino.

Em face disso, podemos ver que para Freire a educação problematizadora, ou seja, a educação crítica, ela rompe com todos esses pressupostos autoritários que estão presentes na educação tradicional. Ela irá romper com todas as características do sistema autoritário e bancário, mas é necessário que ela rompa primeiro com as contradições entre aluno e educador através do diálogo.

A educação ocorre em uma via de mão dupla, o educador não apenas educada, o aluno não apenas aprende, o processo de aprendizagem se dá em um processo em que ambos aprendem. Esse processo se dá através do diálogo, da liberdade e da autonomia. Não há liberdade sem o diálogo, todos os presentes no processo de aprendizagem se tornam sujeitos que estão no mesmo “nível”, o professor não se sobrepõe ao aluno, o aluno não se subjugava ao professor. Ambos são necessários para que o processo ocorra.

É por isso que as administrações autoritárias, algumas até dizendo-se avançadas, procuram, por diferentes caminhos, introjetar no corpo das gentes o medo à liberdade. Quando se consegue isso, a professora guarda dentro de si, hospedada em seu corpo, a sombra do dominador, a ideologia autoritária da administração. Não está apenas com seus alunos porque entre ela e eles, vivo e forte, punitivo e ameaçador, o arbítrio que nela habita. Esta é a forma menos cara de controlar e, em certo sentido, a mais perversa. Mas há outra, a que se serve da tecnologia. De seu gabinete, a diretora pode controlar ouvindo ou vendo e ouvindo o que dizem e o que fazem as professoras na intimidade de seu mundo. (FREIRE, 1997, p.12-13)

A prática da educação tradicional autoritária, não retira apenas a liberdade e autonomia do aluno, mas também do educador. Esse se vê aprisionado dentro de um sistema que o formou, ele se sente ameaçado e guarda dentro de si o medo, o pensamento e a ideologia de um processo totalmente autoritário. O arbítrio que existe na relação entre o educador e os alunos é totalmente punitivo, autoritário e, dessa maneira, não existe um conhecimento possível para alunos e para o educador. Os alunos não possuem conhecimento, apenas memória, pois a esses não é permitido conhecer, pesquisar, apenas a memorizar aquele conteúdo que foi narrado pelo educador, não existe a liberdade para se aprender, não existe autonomia para ninguém nesse tipo de educação.

Nenhum tema mais adequado para constituir-se em objeto desta primeira carta a quem ousa ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. É que não existe *ensinar* sem *aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos. (FREIRE, 1997, p.19)

Ao se deparar com isso, o educador entende que não existe o ato de ensinar sem aprender e, em consequência disso, que a ação de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. É um estado de criação e recriação mútua, recriando o diálogo e respeito durante todo o processo, seguindo os preceitos da educação freiriana, é educar para a pedagogia da autonomia. Na maioria das vezes, o que mais encontramos nas escolas brasileiras é a pedagogia da dependência e do autoritarismo. Por muitos anos, os professores e alunos não foram habituados ao diálogo e, muitas vezes isso era proibido, e o fato de não debater e não dialogar distanciaram a educação de um ensino crítico e autônomo.

A pedagogia autoritária inibiu a autonomia de aprender e a criatividade crítica dentro das salas de aula. Opta-se por não ensinar ao aluno a empenhar-se a construir o seu senso de autonomia, de uma forma isso parecia algo perigoso para o educador que não se livrou que, ele mesmo precisa se dar conta da necessidade de se livrar. Entretanto, esse modo de pensar “demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos” (FREIRE, 1996, p. 32) que os educadores e alunos encontram na rotina da vida escolar.

A pedagogia freiriana é pertinente quanto a constante reconstrução do entendimento de homem e de mundo pelo meio da autonomia, da curiosidade, da inquietação filosófica e científica e da criação de outros modos de ensinar e aprender. É a começar daí que se pode admitir que apenas “existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta e

impaciente dos homens frente ao mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2019, p. 81).

É essencial assentir com Freire que “na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 27) e dar significado ao conhecimento no tempo em que ele é processo. Dessa maneira, esse conhecimento somente se faz a partir de uma ação dialógica e solidaria com o outro. Por essa razão, é que, muito menos, se deve consentir com o educador ou cientista que se considere senhor da verdade absoluta, que não dialoga. Dessa maneira, ele ignora que a autonomia é um processo de construção.

Paulo Freire adotou uma postura que é radicalmente contrária as práticas pedagógicas que, na maioria das vezes, estimulam “o individualismo e a competitividade” (FREIRE, 1996, p. 11) na sociedade e que, muitas vezes, são repetidas no nosso sistema educacional. Sendo assim, essa convicção pedagógica – que sustenta as situações de opressão e de submissão – necessita ser tocada pela percepção crítica juntamente com a práxis que é humanizadora através do sujeito que ensina e também do sujeito que aprende. Isso deve ocorrer não somente na aprendizagem dos conteúdos, mas também em tudo que se diz respeito a solidariedade entre os homens, em especial, na relação entre educador e educando.

O pensamento de Paulo Freire, em particular no que se diz respeito a sua concepção de pedagogia da autonomia, respeita o ser humano em suas diversas maneiras e possibilidades diferentes de ser. Devido a isso, essa percepção se coloca contrária a tradição pedagógica autoritária e, conseqüentemente, também opressora. Com essa percepção, Freire se posicionava impreterivelmente contrário a todas as ações pedagógicas especializadas em fazer “comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem” (FREIRE, 2019, p. 80) em prejuízo de sua autonomia reflexiva.

Quando isso, efetivamente, acontece no contexto pedagógico, os alunos acabam renunciando a sua própria curiosidade e também da sua intuição inventiva. Diante de tal situação, o pensamento freiriano se coloca contra qualquer forma de ação pedagógica que nega a autonomia do aluno e a concepção de que “o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2019, p. 109)

A partir da conjectura de que a educação pode possibilitar algo melhor, o pensamento de Paulo Freire se organiza como concepção pedagógica apta para perceber a boniteza do mundo e do homem sem, porém, nega a despreensão da linguagem construída de histórias e de metáforas que foram construídas por circunstancias existenciais. Nessa

percepção, a pedagogia da autonomia entende que “criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (FREIRE, 1996, p. 32), cuja razoabilidade da “boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 1996, p. 24) da docência e da aprendizagem orientada para um legítimo processo de libertação pedagógica.

Conclusão

Diante de todos os elementos que vimos acerca de Freire, podemos coloca-lo como um elemento extremamente importante para a recuperação da educação de nosso país. A extrema desvalorização de ambos os lados na sala de aula é nítida, professores sem recursos e mal assistidos com os seus salários, alunos desmotivados por inúmeras questões e por um sistema extremamente opressor que desde o início cortam a sua criatividade e empenho em dedicar-se.

A sua metodologia e sua experiência, como vimos, demonstra como podemos virar a situação da educação. A valorização dos professores, ao longo dos anos os professores sofreram com a educação opressora e, dessa maneira, passam isso a diante para os alunos. Os alunos, por sua vez, os alunos dentro desse sistema, tem sua criatividade e seus talentos tolhidos pelo método opressor.

Com o dialogo e a educação libertaria, com a aproximação entre educador e educando, existe a possibilidade de que o panorama da educação brasileira melhore. A educação se faz em conjunto, com aluno e professor, ambos compartilhando. Não existe a educação sem um dos lados, o aluno aprende com o professor e da mesma maneira o professor aprende com o aluno, o aprendizado não é uma via de mão única na qual o professor apenas despeja todo o conteúdo para o aluno, ele exige que exista o dialogo entre ambas as partes.

Bibliografia

COELHO, E. P. Uma introdução à pedagogia da correspondência em Paulo Freire. **EccoS - Revista Científica**, jul - dez 2011. 59-73.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. [S.l.]: Olhos D'Água, 1997.

FREIRE, P. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo : Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GADOTTI, M. **PAULO FREIRE NA ÁFRICA - Notas sobre o encontro da pedagogia freiriana**. VII ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE. Praia, Cabo Verde: [s.n.]. 12-19 set 2010.

PEREIRA, S. R. Educação como prática da liberdade. **Educação & Linguagem**, jul - dez 2019. 211-216.

PEREIRA, T. I.; SARTORI, J. Educação, diálogo e prática da liberdade em Paulo Freire: revisitando a pedagogia do oprimido. **Espaço Pedagógico**, 27, set-dez 2020. 643-664.

SÁ, G. M. D.; DUARTE, A. J. Autonomia para ensinar e aprender: pela liberdade na prática pedagógica. **Educação & Linguagem**, jul.-dez. 2020. 75-92.